

## CLASSIFICAÇÃO DE CARÇAÇA BOVINA

- Parte III: Diferenciar preços por tipo de mercadoria é prerrogativa do mercado, não de tecnocratas -  
Pedro Eduardo de Felício<sup>1</sup>

Que não se fixam preços por decreto todos sabemos, desde 1986, quando o governo congelou preços e até helicóptero foi utilizado para procurar o gado desaparecido. Muita gente comprou carne clandestina, trazida do meio rural, movida por um sentimento de estar driblando a lei absurda que fez sumir a boiada. Agora é hora de juntar forças para evitar um novo fracasso que viria com uma tabela de preços diferenciados para carcaças tipificadas.

É preciso resistir ao canto de sereia daqueles que tentarão justificar o tabelamento como sendo orientado para a organização da cadeia produtiva. Se uma desorganizada desvalorização das cruzas de raças européias, por parte dos frigoríficos, já causou tantos prejuízos a pecuaristas que apostaram na heterose, imagine-se o estrago que faria uma política oficial que estabelecesse quais carcaças são ótimas e quais são apenas regulares, ou ruins, para a indústria, comércio, ou para o consumidor e que, portanto, devam valer relativamente mais ou menos. Na sociedade capitalista a diferenciação de preços é prerrogativa do mercado e não de tecnocratas.

Nos artigos anteriores, deve ter ficado claro que sou favorável a uma classificação do tipo descritivo, com duas faixas de maturidade (jovem; adulto), três condições de sexo (macho inteiro; macho castrado; fêmea), cinco graus de gordura de cobertura (GC=1-5), e três graus de musculosidade (Mus: inferior; regular; superior). Agora, pode-se introduzir o conceito de tipificação, que é a consequência lógica da preocupação dos elos da cadeia com o grande número de combinações num método como este.

E a preocupação procede, pois as combinações de maturidade (2) x sexo (3) são seis, que serão combinadas com as 15 de GC (5) x Mus (3), dando 90 possibilidades. Embora seja mais ou menos óbvio para quem já viu um sistema desses funcionando, que na prática não é preciso considerar todas as combinações, pois a tendência é concentrar esforços nas de maior interesse - apenas gado jovem por exemplo - o fato é que elas existem e os mais precipitados vão logo querendo colocá-las dentro de compartimentos, como se deu quando os tipos nomeados pelas letras da palavra BRASIL foram definidos.

Os tipos são como as gavetas de armários, onde, por melhor que seja a intenção de juntar objetos semelhantes e separar os diferentes, ao final encontra-se distribuída nas gavetas uma porção de coisas que restaram, e para as quais não se pôde atribuir uma gaveta própria dada a sua diversidade. A tipificação brasileira reúne no Tipo B, por exemplo, tido como o melhor, as três classes de sexo, três de GC e três de conformação, desde que as carcaças tenham em comum a maturidade jovem. Assim, 27 combinações com boas chances de diferirem tanto em rendimento de desossa como em qualidade da carne foram parar no mesmo Tipo B. Lógica semelhante foi aplicada aos demais tipos, tendo como fator de diferenciação entre si a maturidade; nesses incluem-se as carcaças excluídas dos primeiros tipos por uma ou mais restrições, sendo colocadas, como os objetos restantes, nas gavetas. O sistema não chegou a ser utilizado integralmente, por falta de uma boa justificativa.

Mesmo na União Européia, que definiu seu sistema em tempos recentes, os técnicos queriam identificar sem hierarquizar, mas o resultado final foi uma tabela onde se cruzam seis graus de conformação com cinco de GC, sendo que na prática fica bem clara a ordenação em tipos pela conformação, julgada como musculosidade, e que se reflete na relação músculo:osso e, portanto, no rendimento de desossa. No sistema oficial brasileiro a hierarquia se dá pela maturidade, avaliada nos dentes incisivos, sem que sejam comprovadas em pesquisas quaisquer vantagens disso além do incentivo ao aumento de produtividade pecuária. Nada se sabe, neste particular, relativamente à satisfação do consumidor, mas de qualquer modo pretende-se justificar preços diferentes com base nessa hipótese de difícil sustentação ao sul do Equador.

No momento é mais importante concentrar esforços numa classificação que tenha como objetivo facilitar o comércio de carne mediante especificações e utilização de meios eletrônicos. Para isto já está disponível um código de 20 dígitos numéricos, registrado para utilização em mais de uma centena de países, no sistema logístico UCC/EAN-128, que identifica dados e controla a rastreabilidade. Também, a menos que se queira esperar pela ALCA, é recomendável uma consulta aos países do Mercosul visando traçar um plano de metas para unificação de critérios de classificação e linguagem. Estímulos à produção de um ou mais conjuntos de classes de carcaças poderão surgir em cada indústria, em cada parceria vertical, em cada estado, e em cada país da região Sul do continente, na medida em que as necessidades sejam detectadas.

---

<sup>1</sup> Professor da Faculdade de Engenharia de Alimentos, da Unicamp. CP 6121, CEP 13.083-970  
Artigo publicado na Revista ABCZ, Uberaba, ano 3, n.16, set./out. 2003, p.96.